

VÉNUS CAPITOLINA

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo:

O Professor de Direito Constitucional da prestigiada Universidade de Santiago de Compostela, Doutor António-Carlos Pereira Menaut arriscou, e arriscou bem, escrever na sua jubilação um escrito ficcional. É uma obra que interessa a todos os que vivem e pensam os tempos estranhos que vive a Universidade. Mas é também uma tocante estória, não de um, mas de dois amores, com um pano de fundo moral e religioso, em que se digladiam grandes temas de sempre, talvez mais vívidos até agora.

Palavras-Chave:

Romance académico, romance filosófico, moral familiar, wokismo, bondade de Deus

Abstract:

The Professor of Constitutional Law at the prestigious University of Santiago de Compostela, Dr. António-Carlos Pereira Menaut, took a risk, and a good one, by writing a fictional piece during his retirement. It is a work that will be of interest to all those who live and think about the strange times that the University is living through. But it is also a touching story, not of one, but of two loves, with a moral and religious backdrop, in which great themes of all time clash, perhaps more vividly so far.

Keywords:

Academic novel, philosophical novel, family morality, wokism, God's goodness

Não sei se *Diário de una Vénus Capitolina* (de Antonio-Carlos Pereira Menaut, como fictício simples “editor”²) é um romance académico, um romance de amor, ou um libelo teológico-moral. Certamente poderemos afirmar que de tudo isso é uma mistura, sendo o mais impressionante a bonita mas martirizada estória sentimental entre dois universitários: um historiador cinquentão viúvo e uma solteira e recatada (mas com algumas ideias “avançadas”) doutoranda de Ciências, nos seus vinte e tal anos.

A relação, polvilhada de alguns passeios mais ou menos bucólicos, avulta em discussões por causa de problemas teológico-morais, desde a bondade de Deus ao casamento e ao aborto. Tem como pano de fundo uma pequena universidade galega inventada, com seu folclore académico *woke*, *lato sensu*, retratado em caricatura (ou nem isso? A realidade é em muitos casos uma enorme caricatura), mas com placidez, *fair play* e bom humor.

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (em licença).

² PEREIRA MENAUT, Antonio-Carlos – *Diario de una Venus Capitolina*, s.l. (Corunha?), Impr. Tórculo, 2024, ed. do autor/ editor.

A estratégia da repetição de conflitos (reais e brincados: de provocação) entre o casal parece-nos propositada. Um eventual cansaço do leitor pela revisitação de consabidos argumentos, católicos e não católicos (e com curiosas misturas), é largamente compensado pela simpatia que passa a nutrir por essas duas personagens: tão reais, tão bem desenhadas, que nos deixam com saudades quando terminamos o livro.

Escrita em castelhano com alguns diálogos e incisos em galego (e até – embora pouco – em português), esta obra é relativamente previsível no desfecho (ou nos desfechos), mas não deixa de conter algumas interessantes surpresas narrativas no entretanto, o que não seria de supor neste que poderá dizer-se também *romance de tese* ou, se preferirmos, *romance filosófico*. Porém, o que importa não é o caminho que se prevê, e tanto mais quanto se lhe vai dolorosamente resistindo, mas (para o geral dos leitores que se pressupõem mais ou menos laicos, ou de crença *soft*) um testemunho não apenas nem especialmente de fé (o protagonista confessa-se mau católico, e católico cultural sobretudo, embora tenha muita esperança em Fátima, por exemplo), mas muito de sentimento *tout court*, não religiosamente marcado.

O persistente amor do protagonista pela sua falecida esposa, sempre afirmado e jamais renegado, não briga com o novo amor pela jovem doutoranda, que presumivelmente as urdiduras sentimentais universitárias teimaram em colocar no seu caminho. Pelo contrário, há, quer da sua parte, quer da parte da simpática mas algo obstinada doutoranda, um enlevo, uma ternura, uma união, que obviamente supera qualquer pedra no caminho, ainda que fosse a onnipresença da falecida.

No meio tempo, o autor mostra-se um grande conhecedor da psicologia das suas personagens, que não são senão espelhos de tipos, mais ou menos moldados, mas ainda (não sabemos por quanto tempo) facilmente encontráveis nos meios académicos de uma e outra banda do rio Minho.

Os diálogos são naturais, e mais ainda saborosos pelo uso frequente dessa língua belíssima e tão próxima da nossa (se não é ainda a nossa – mas não querelemos sobre isso) que é o Galego. Há algum uso de expressões latinas. Mas tal é normalíssimo na boca de um especialista em Idade Média, exilado e sem cátedra numa faculdade em que se cultiva sobretudo Física de Partículas, algo à mistura com estudos de género ou afins.

É um quadro de vida e das complexas relações entre as pessoas, sobretudo entre duas pessoas que se querem, mas (pelo menos em boa parte do livro, mas não antecipemos) não se entendem do ponto de vista das grandes opções existenciais, desde logo metafísicas, religiosas e morais.

Embora (e isso é interessantíssimo) se possa a nosso ver vislumbrar que, apesar de as divergências serem aparentemente cortantes e inconciliáveis, há um pano de fundo de muito mais profundo entendimento, que é, afinal, não apenas o que existe entre duas pessoas que se amam, mas também entre os demais que se entendem, dialogam, e são pessoas de bem. A reta intenção, algum bom senso e boa vontade são pontes sólidas para a convivência, mesmo que haja divergências radicais. Que lição geral para todos e tudo, neste nosso tempo de fanatismos em crescendo!

Embora possa não parecer, esta obra também é, realmente, além de uma bela história de amor, um elogio da convivência dialogante. Mais que a perseverança apologética do protagonista, impressiona-nos a não desistência num projeto comum, como diria Montaigne, *Parce que c'était lui; parce que c'était moi*.

Há passagens deliciosas de humor, que poderão ser apreciadas, em geral, consoante se conhece mais ou menos o ambiente das Universidades, e paira, sobre tudo, uma sabedoria que afinal tranquiliza. Uma sábia melancolia, a que um raio de sol vem trazer alguma esperança.

As referências a Portugal são simpáticas. Sem querer desvendar a estória, será em Portugal que o enredo acaba por encontrar o seu clímax.

Obviamente que não se trata de uma obra politicamente correta, muito pelo contrário. O seu autor tem disso consciência. Ainda não colocou o seu original nos circuitos da edição oficial, tendo apenas mandado imprimir alguns exemplares não venais.

Aguardo sinceramente que o livro venha a encontrar o seu caminho na ficção contemporânea. Obviamente não seria uma obra que pessoalmente tivesse a tentação de escrever. Mesmo um romance acadêmico, se o fizesse, seria certamente muito mais pícaro, e talvez a tender para o policial. Não me vejo a escrever nem um romance sentimental nem teológico. Moral ou ético, talvez, desde que Ferreira de Castro, era eu menino, me desvendou os dilemas d'*A Missão*. Seja como for, felizmente nem só o que nos é homólogo nos é dado apreciar. Este romance acompanhou a minha Páscoa, e dou o tempo por muito bem empregue.